



RESENHA

GOMES, Paulo César da Costa. **Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

Débora Paula de Andrade Oliveira

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Geografia
da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Integrante do GRUPAM (Grupo de Estudo e Pesquisa Alimentos e Manifestações Tradicionais) da UFS, NUAMSE (Núcleo de Análise Ambiental, Planejamento e Gestão Territorial) e APLAGET (Grupo de Pesquisa Análise Ambiental, Planejamento e Gestão Territorial) da UESB (Universidade Estadual da Bahia)

E-mail: deborapaulageografia@gmail.com

O professor Paulo César da Costa Gomes é graduado (1980) e mestre (1988) em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fez o doutoramento (1992) na Sorbonne - Université de Paris IV. Autor de reconhecida envergadura intelectual, vem ao longo da trajetória de 38 anos na Geografia se debruçando sobre a sistematização, as categorias e a epistemologia dessa ciência. Autor dos livros *Geografia e Modernidade* (1996) e *O Lugar do Olhar* (2013), Gomes se destaca no rol dos intelectuais das ciências humanas no Brasil.

Ao sustentar a Tese de que a Geografia é, *a priori*, uma forma de pensar e sistematizar o pensamento, Gomes (2017) apresenta relevantes reflexões acerca da natureza epistemológica da Ciência Geográfica, trazendo para a centralidade das questões espaciais as discussões sobre os quadros geográficos.

O insistente questionamento “O que é Geografia?” (GOMES, 2017, p. 13), que norteia a obra “Quadros geográficos: uma forma de ver, uma forma de pensar”, publicada pela editora Bertrand Brasil, conduz o leitor a enveredar pelos horizontes epistemológicos dessa ciência, de modo a desconstruir definições vagas e simplistas para uma discussão que remete às condições de produção do conhecimento, solidez teórica-metodológica e aos sistemas de validade que integram o pensar/fazer científico.

Para instigar a discussão sobre o que é Geografia, o autor recorre a etimologia da palavra Geografia. Ainda que este seja um recurso corriqueiro para introduzir as reflexões geográficas, a análise da composição da palavra, formada por *Geo* (Terra) e *Graphein* (escrita), pode constituir-se

como ponto de partida para a compreensão da Geografia. Todavia, Gomes alerta que “[...] nem sempre a etimologia ou a constituição da palavra é capaz de informar completamente a respeito de seus usos e significados” (2017, p. 15). Ainda assim, é um recurso alternativo para iniciar a discussão.

Gomes sublinha três domínios basilares que reconhece como geográficos. O primeiro diz respeito a certa sensibilidade que tem como fundamento a dimensão espacial das coisas e das pessoas no mundo. Esse domínio envolve a capacidade de orientar-se e mover-se no espaço. Alicerçado numa perspectiva kantiana, o autor é categórico ao defender que “[...] a existência da dimensão espacial é anterior a percepção” (2017, p.17). Com esse entendimento, pondera-se que a espacialidade alimenta os sentidos de estar no mundo, na relação que existe entre os sujeitos sociais e os objetos.

O segundo domínio corresponde à inteligência espacial como um conjunto de conhecimentos que são estabilizados e transmitidos culturalmente. Gomes (2017) considera que tal domínio é composto pelo conhecimento que os grupos humanos têm do ambiente que vivenciam. Trata-se, portanto, de um conjunto articulado de conhecimentos e comportamentos espaciais presentificados nas práticas sociais desses grupos. Gomes se referencia em Claval (2001) quando este denomina tais conhecimentos e práticas espaciais como Geografia Vernacular.

O terceiro domínio consiste na análise da dispersão, de modo a refletir sobre o porquê da lógica das localizações e seus ordenamentos sobre critérios naturais e/ou humanos. Ancorado nessa premissa, cabe à Geografia construir explicações sobre os sistemas de lugares, ao mesmo tempo em que, curiosamente, refletir sobre como tal sistema pode ser considerado um elemento explicativo para as configurações socioespaciais que constituem a realidade, tendo em vista esse domínio.

A Geografia analisa e interpreta a ordem espacial das coisas, pessoas e fenômenos. Norteada pelos três domínios abordados pelo autor, a Geografia é assim compreendida como “[...] uma forma autônoma de estruturar o pensamento, uma forma original de pensar” (GOMES, 2017, p. 21).

Para sustentar tal entendimento, Gomes destaca a relevância de pensar a trajetória epistemológica da Geografia, que segundo ele, implica em recorrer aos pensadores que historicamente contribuíram para a sistematização dos conhecimentos e, conseqüentemente, da Ciência Geográfica. A influência kantiana na sistematização da Ciência Geográfica contribuiu para a ampla utilização das imagens como recurso metodológico nas análises espaciais. Segundo Gomes (2017, p. 27), “[...] as escolhas do que deve figurar, dos conteúdos das imagens e as alternativas de como fazê-lo (de ponto de vista, de escala, de composição, de distâncias, de relação entre os planos etc.) são elementos de julgamento e de conhecimento”.



Tais elementos, associados às distintas culturas e narrativas compõem os quadros geográficos, dotando-os da sensibilidade intrínseca à leitura do espaço. É nesse contexto que a noção de quadro assume relevância, de modo a superar os debates em torno das dualidades empiricistas e racionalistas na Geografia.

Os quadros geográficos enfatizados pelo autor podem constituir num referencial espacializado para pensar as coisas do mundo. Para exemplificar, o autor discute a relevância dos mapas e dos sistemas de informações geográficas, que segundo ele, está associado à ideia de *Natugermalde* (pintura da natureza) delineada por Humboldt. O diálogo construído entre as contribuições de Humboldt e de Kant evidenciam os esforços teóricos de compreensão das cosmovisões desenvolvidas por tais autores, ainda que tenham como norte, uma descrição física do mundo.

Ao discutir sobre as Geografias e os desenhos do mundo, o autor evidencia as composições de quadros geográficos para a interpretação dessas configurações espaciais. Na reflexão acerca dos pilares do conhecimento geográfico, Gomes (2017) recorre aos estudos desenvolvidos por Estrabão, na Grécia antiga. A Geografia estraboniana, expressa em 17 volumes, consiste, de acordo com o autor, numa “[...] farta e sistemática descrição regional do mundo conhecido. No entanto, raras vezes se reconhece que esse esforço de descrição é parte de um programa mais geral de apresentação ordenada do mundo” (GOMES, 2017, p. 68). Assim, Gomes compreende que essa Geografia, desde Estrabão, Ptolomeu, Erastótenes e Hiparco, tinha o projeto de construir um sistema ordenado de apresentação da Terra conhecida, compondo, desse modo, um quadro geográfico cuja escala é global.

Para dirimir as eventuais questões pertinentes a sua estrutura argumentativa, Gomes esclarece que a ideia de quadro ultrapassa o sentido de forma de quatro lados, pois compreende também tudo que nele está contido. Assim, pondera que o quadro propõe uma delimitação entre aquilo que é interno e o que é externo. Nessa discussão, o autor se referencia em Foucault para evidenciar a polissemia do termo quadro, que se aplicaria em vastos contextos, desde objetos físicos às abordagens metafóricas.

Para Gomes, a eficácia do quadro repousa na necessidade de considerar as coisas numa perspectiva de conjunto, por excelência sistêmica e relacional. Desse modo, o autor argumenta que “[...] o raciocínio que valoriza posições e relações entre lugares é aquilo que funda e dá qualidade à Geografia” (GOMES, 2017, p. 101).

No entanto, ressalta o autor, que assim como o raciocínio cronológico não é exclusivo dos historiadores, o raciocínio espacial também não se esgota e não é exclusivo dos geógrafos. Tal

compreensão se faz relevante na reflexão acerca das possibilidades de interpretação da realidade segundo o viés geográfico.

Para o autor, os mapas, imagens e desenhos do mundo se constituem em alternativas de interpretação geográfica, tendo em vista as fusões entre imagem e imaginação nas composições de horizontes e imaginários geográficos. Nas escolas francesas de Geografia, Gomes recorre aos estudos de Vidal de La Blache para apreender os elementos da descrição geográfica, sem, contudo, limitar-se a ela. Para tanto, o autor enfatiza a contribuição das representações cartográficas, tais como os mapas e as cartas topográficas para a análise pormenorizada das características do território em suas múltiplas instâncias.

Os imaginários geográficos são constituídos pelas diversas alternativas imagéticas utilizadas para a leitura dos processos espaciais. Gomes compreende que a imaginação geográfica é “[...] provocada pelo uso inteligente das imagens, aquilo que chamamos de quadro geográfico. Esses quadros são sistemas de informações geográficas que se apresentam sob variadas formas gráficas, e no limite, até sob a forma de texto” (GOMES, 2017, p. 140).

Nesse imaginário espacial, mesclam-se gráficos, mapas, fotografias, narrativas e poemas, pois sua unidade fundamental é a do sistema de lugares. Isso porque a imaginação consiste na capacidade de refletir por meio das imagens, assim, os quadros geográficos quando compreendidos como instrumentos para a reflexão configuram-se como elementos chave na possibilidade de construção da imaginação geográfica.

Assim, embora, sob o prisma historiográfico, o autor não evidencie grandes descobertas, especialmente no contexto da História do Pensamento Geográfico, a proposição de Gomes nessa obra consiste em lançar um outro olhar sobre as epistemologias que dão sustentação aos discursos geográficos.

O sempre atual debate epistêmico permite questionar a natureza da Geografia e com isso, tentar reconhecer as formas pelas quais tal ciência se desenvolve, consolidando sua identidade. Categoricamente, o autor afirma que a Geografia é, também, uma forma de pensamento e reflexão sobre o mundo.

Tendo em mente essa compreensão, considera-se que a presente obra se constitui como uma referência importante para geógrafos e também não geógrafos, que tenham em comum a leitura das manifestações das espacialidades nos movimentos da vida contemporânea, em suas distintas escalas. De modo compacto, porém, reflexivo, o autor envereda pela epistemologia da Geografia, recorrendo aos grandes expoentes dessa ciência para explicar o contexto de sua sistematização e



atualmente, os contornos que tem adquirido. É, sobretudo, um convite a pensar a Geografia e, assim, instrumentalizar-se para a compreensão dos espaços que integram a vida dos sujeitos sociais.

Recebido em 27 de junho de 2018
Aprovado em 08 de dezembro de 2018